

Senhor Prefeito.

Campinas tem um compromisso de honra a saldar.

Dentre os filhos seus, existe um que, lá fora, além das fronteiras municipais e estaduais, nas cidades de Santos, São Paulo e Rio de Janeiro, na Imprensa e no funcionalismo, muito realizou em prol da coletividade, da Nação e do próprio nome de sua terra Natal, que ele sempre procurou dignificar e levar cada vez mais alto.

Pois, Sr. Dr. Antônio Mendonça de Barros, esse campineiro desconhecido, e até ignorado em sua própria cidade Natal, não é outro senão o ilustre jornalista, Manoel Jorge de Oliveira Rocha, Rochinha, como o chamavam, e cuja ligeira biografia que segue linhas abaixo, foi conseguida graças à colaboração dos Srs. João Falchi Trinca, Condin da Fonseca, e da Revista Vida Literária e do jornal "A Fôlha da Manhã".

Peço, pois, como campineiro, seja dado a ele, o nome de um dos muitos logradouros públicos existentes na Princesa D' Oeste.

"MANOEL JORGE DE OLIVEIRA ROCHA" - (Rochinha) - Nasceu na Cidade de Campinas, aos 23 dias do mês de abril do ano de 1863. Filho de pais pobres, logo cedo foi obrigado a arranjar serviço para auxiliar na manutenção da família, iniciando assim a sua carreira jornalística. Primeiramente, como arrumador de tipos e aprendiz de compositor, isto aos onze anos. Aos 13, ao lado de um seu inseparável companheiro de infância, funda um jornalsinho, manuscrito em papel almasso, denominado) / 1 -

OsM

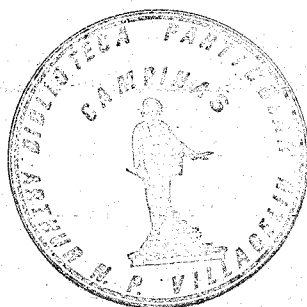


- 2 -

"A SENSITIVA". Em 1876, êle e seu amigo, o futuro grande jornalista e fundador de "O Estado de São Paulo", Dr. Júlio de Mesquita, percorriam as ruas de Campinas, cobrando as 50 centavos correspondentes à assinatura anual do jornal por êles fundado.

Em 1878, com 15 anos, deixando Campinas, vai para a Tribuna Liberal, em Santos, como tipografo. A Tribuna, p o r êsse tempo, era uma verdadeira fôlha de idéias das mais variadas. Era, como o próprio nome, um jornal liberal, e, graças a isso, Oliveira Rocha trabalha, vê e aprende. Em 1881, já com 18 anos e profundos conhecimentos jornalísticos adquiridos, êle transfere-se para São Paulo, passando trabalhar como paginador do jornal "A Evolução", onde colaboravam Assis Brasil, Julio Castilho, Pereira da Costa e outros. Aqui, êle fez de tudo. Foi de tipografo a paginador, a revisor, a noticiayrista, a reporte, chegando ao máximo do posto de redator. Tudo isto, porém, não bastava, pois, sua vontade realizadora ia muito além, e, em agosto de 1887, segue para o Rio de Janeiro, recomendado a Ferreira de Araujo, fundador e diretor da "Gazeta de Notícias". Neste mesmo ano casa-se com Dna. Isaura Godói e dêsse casamento lhe vem cinco filhos: Isaura (falecida) que se casou com o professor José de Moura Moniz; Hilda, que se casou com o engenheiro Adelstano Porto D'Ave (falecido); Gilda, que se casou com o Dr. Carlos Guinle; João, que mudou-se para a Inglaterra, la vivendo com sua família na cidade de Manchester; e Maria da Glória, que casou-se com um rico estancieiro uruguaio, chamado Otávio Rodriguez.

Com o casamento e prôle numerosa, teve que procurar

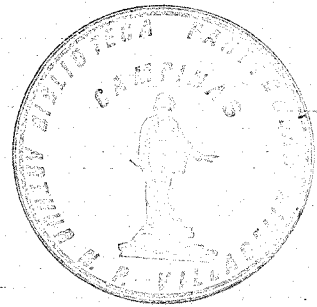


- 3 -

outros "bicos", pois, as aperturas não eram poucas, daí, aprender taquigrafia, o que fez em 4 meses. Por dois anos, ou, até 1889, foi reporter da "Gazeta de Notícias". Com o golpe republicano de Novembro de 89, as sessões da Constituinte eram movimentadíssimas. Oliveira Rocha, habilíssimo taquígrafo, não perdia uma só palavra, e assim, horas após cada sessão, Ferreira de Araujo publicava, na Gazeta, o sucedido. Assim, Oliveira Rocha, o Rochinha como era apelidado, ia escrevendo, primeiro com sinais e depois com palavras, a História do Brasil, essa história notável e bela que todos aprendemos.

Ele podia parar aí. Porém, não quis. O jornalismo nasceu consigo e ele não estava satisfeito com tudo quanto havia realizado. Para ele, tudo que atrás ficara, nada mais era que uma adorável reminiscência das lutas travadas e das vitórias conseguidas. O seu sonho, ainda era aquele mesmo da infância, quando ao lado de Júlio de Mesquita, cobrava assinaturas do seu jornal, e até que um dia, isto em 1894, ele funda o jornal, "A Notícia", moderno, diferente para a época e todo impresso em papel côr de rosa. Os artigos eram de autoria de vultos de nossas letras, destacando-se Machado de Assis, Olavo Bilac, José do Patrocínio, Medeiros de Albuquerque e os seus próprios que eram redigidos em tom suave, mas que tocavam fundo na alma do leitor. Era fino e amável, incapaz de ofender a quem quer que fosse. Fazia do jornalismo um verdadeiro sacerdócio e do seu púlpito chegou a ditar por longo tempo normas e leis necessárias à administração do Paiz.

Em 1818, voltando a Santos, a passeio, para rever amigos, recordar o passado e matar saudades, foi ali, surpreen-



- 4 -

cido pela epidemia da gripe, sucumbindo a 17 de outubro.

Chefe da Secção de Camaras e Alvaradiado

a) Alaôr Malta Guimarães

RUA MANOEL JORGE DE OLIVEIRA ROCHA

(ROCHINHA)



LEI N.º 1118, DE 6 DE MAIO DE 1954

DA O NOME DE "MANOEL JORGE DE OLIVEIRA ROCHA" (ROCHINHA) A UMA RUA DA CIDADE

A Câmara Municipal decreta e eu, Prefeito do Município de Campinas, promulgo a seguinte Lei:

Artigo 1.º — Fica denominada "Manoel Jorge de Oliveira Rocha" (Rochinha), a rua 3 da Vila Presidente Dutra, que tem início na Rua Dr. Pedro Tórtima e termina à Rua Carlos de Campos.

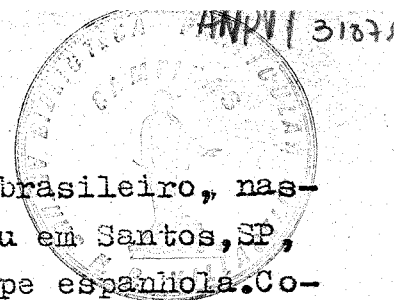
Artigo 2.º — Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Paço Municipal de Campinas, aos 6 de maio de 1954.

A. Mendonça de Barros
Prefeito Municipal

Publicada no Departamento do Expediente da Prefeitura Municipal, em 6 de maio de 1954.

O Diretor,
Admar Maia



Conhecido como "Rochinha", jornalista brasileiro, nasceu em Campinas, SP, em 3 de abril de 1861 e morreu em Santos, SP, em 16 de outubro de 1918 durante a epidemia de gripe espanhola. Começou como tipógrafo em Santos, depois foi reporter da "Gazeta de Notícias" no Rio de Janeiro, onde se iniciou fazendo a cobertura do tribunal do júri. Fundou "A Notícia" em 17 de setembro de 1894 e durante vários anos foi presidente da sociedade anônima editora da "Gazeta de Notícias", exercendo cumulativamente as funções de redator-chefe.

(Extraído de fls. 6005 e 6006, do volume LI, da Enciclopédia Internacional Mirador, 1979, no título "Imprensa" e "A Imprensa Brasileira").

O nome de um jornalista para uma rua da cidade

Aceita pelo prefeito municipal a interessante sugestão do sr. Alaor Malta Guimarães — Quem foi Manoel Jorge de Oliveira Rocha — Sua atuação destacada no jornalismo carioca

O sr. Alaor Malta Guimarães, funcionário municipal e um estudioso profundo da ciência estatística e do passado de Campinas, enviou ao Prefeito Municipal, sr. Antonio Mendonça de Barros, uma interessante sugestão, plenamente aceita, no sentido de ser dado a uma rua da cidade o nome do jornalista Manoel Jorge de Oliveira Rocha, o Rochinha, como era mais conhecido. Transcreve-se a íntegra da exposição e motivos do sr. Alaor Malta Guimarães:

"Campinas tem um compromisso de honra a saldar.

Dentre os filhos seus, existe um que, lá fora, além das fronteiras municipais e estaduais, nas cidades de Santos, São Paulo e Rio de Janeiro; na Imprensa e no funcionalismo, muito realizou em prol da coletividade, da Nação e do próprio nome de sua terra Natal, que ele sempre procurou dignificar e elevar cada vez mais alto.

Pois, Sr. Dr. Antônio Mendonça de Barros, esse campineiro desconhecido, e até ignorado em sua própria cidade Natal, não é outro senão o ilustre jornalista, Manoel Jorge de Oliveira Rocha, Rochinha, como o chamavam, cuja ligeira biografia que segue linhas abaixo, foi conseguida graças à colaboração dos srs. João Falchi Trinca, Gondin da Fonseca, e da Revista Vida Literária e do jornal "A Fôlha da Manhã".

Peço, pois, como campineiro, seja dado a ele, o nome de um dos muitos logradouros

públicos existentes na Princesa D'Oeste.

"MANOEL JORGE DE OLIVEIRA ROCHA" — (Rochinha) — Nasceu na Cidade de Campinas, aos 23 dias do mês de abril do ano de 1863. Filho de pais pobres, logo cedo foi obrigado a arranjar serviço para auxiliar na manutenção da família, iniciando assim a sua carreira jornalística. Primeiramente, como arrumador de tipos e aprendiz de compositor, isto aos onze anos. Aos 13, ao lado de um seu inseparável companheiro de infância, fundou um jornalsinho, manuscrito em papel almasso, denominado "A SENSITIVA". Em 1876, ele e seu amigo, o futuro grande jornalista e fundador de "O Estado de São Paulo", Dr. Júlio de Mesquita, percorriam as ruas de Campinas, cobrando os 50 centavos correspondentes à assinatura anual do jornal por eles fundado.

Em 1878, com 15 anos, deixando Campinas, vai para a "Tribuna Liberal", em Santos, como tipógrafo. A "Tribuna", por esse tempo, era uma verdadeira forja de idéias das mais variadas. Era, como o próprio nome, um jornal liberal, e, graças a isso, Oliveira Rocha trabalhava, vê e aprende. Em 1881, já com 18 anos e profundos conhecimentos jornalísticos adquiridos, ele transfere-se para São Paulo, passando a trabalhar como paginador do jornal "A Evolução", onde colaboravam Assis Brasil, Julio Castilho, Pereira da Costa e outros. Aqui, ele fez de tudo. Foi de tipógrafo a pa-

ginador, a revisor, a noticiarista, a repórter, chegando ao máximo do posto de redator. Tudo isto, porém, não bastava, pois, sua vontade realizadora ia muito além, e, em agosto de 1887, segue para o Rio de Janeiro, recomendando a Ferreira de Araujo, fundador e diretor da "Gazeta de Notícias". Neste mesmo ano casa-se com d. Isaura Godói e desse casamento lhe vem cinco filhos: Isaura (falecida) que se casou com o professor José de Moura Moniz; Hilda, que se casou com o engenheiro Adelstano Porto D'Ave (falecido); Gilda, que se casou com o Dr. Carlos Guinle; João, que se mudou para a Inglaterra, lá vivendo com sua família na cidade de Manchester; e Maria da Glória, que casou-se com um rico estancieiro uruguaio, chamado Otávio Rodriguez.

Com o casamento e próle numerosa, teve que procurar outros "bicos", pois, as aperturas não eram poucas, daí, aprender taquigrafia, o que fez em 4 meses. Por dois anos, ou, até 1889, foi repórter da "Gazeta de Notícias". Com o golpe republicano de Novembro de 89, as sessões da Constituinte eram movimentadíssimas. Oliveira Rocha, habilíssimo taquigrafo, não perdia uma só palavra, e, assim, horas após cada sessão, Ferreira de Araujo publicava, na Gazeta, o sucedido. Assim, Oliveira Rocha, o Rochinha como era apelidado, ia escrevendo, primeiro com sinais e depois com palavras, a História do Brasil, essa história notável e bela que todos aprendemos.

Ele podia parar aí. Porém, não quiz. O jornalismo nasceu consigo e ele não estava satisfeito com tudo quanto havia realizado. Para ele, tudo que atraz ficara, nada mais era que uma adorável reminiscência das lutas travadas e das vitórias conseguidas. O seu sonho, ainda era aquele mesmo da infância, quando ao lado de Júlio de Mesquita, cobrava assinaturas do seu jornal, e até que um dia, isto em 1894, ele funda o jornal, "A Notícia", moderno, diferente para a época e todo impresso em papel cor de rosa. Os artigos eram de autoria de vultos de nossas letras, destacando-se Machado de Assis, Olavo Bilac, José do Patrocínio, Medeiros de Albuquerque e os seus próprios que eram redigidos em tom suave, mas que

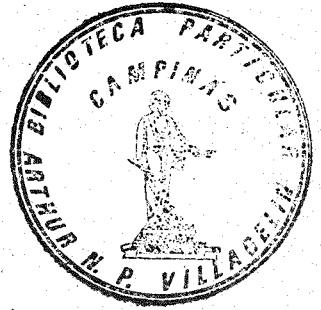
tocavam fundo na alma do leitor. Era fino e amável, incapaz de ofender a quem quer que fosse. Fazia do jornalismo um verdadeiro sacerdócio e do seu púlpito chegou a ditar por longo tempo normas e leis necessárias à administração do País.

Em 1918, voltando a Santos, a passeio, para rever amigos, recordar o passado e matar saudades, foi ali, surpreendido pela epidemia da gripe, sucumbindo a 17 de outubro. — a) Alaor Malta Guimarães, Chefe da Secção de Compras e Almoxarifado".



DIÁRIO DO POYO

SABADO, 15 DE MAIO DE 1954



3. P. M. "Prof. E. M. Zick"
Campinas

RUAS DA CIDADE

MANOEL JORGE DE OLIVEIRA ROCHA (Rochinha) — Rua

Começa na rua Dr. Feirão Tórtima e termina na rua Dr. Carlos de Campos, na VILA PRESIDENTE DUTRA.

A denominação foi dada em 6 de maio de 1954, pela Lei n.º 1.318. Tem 12 metros de largura.

Dados Biográficos: Manoel Jorge de Oliveira Rocha (O Rochinha), nasceu em Campinas aos 23 de abril de 1863, e faleceu na cidade de Santos, aos 17 de outubro de 1918. Filho de pais pobres, logo foi obrigado a trabalhar para a manutenção da família. Iniciou a carreira jornalística, primeiramente, como arrumador de tipos e aprendiz de compositor. Ao lado do seu inseparável companheiro de infância, o futuro grande jornalista e fundador do Estado, o Dr. Júlio de Mesquita, aos 13 anos de idade funda um jornalzinho, manuscrito em papel almaço, denominado "A Sensitiva". Assim, em 1878, os dois percorriam as ruas da cidade de Campinas, cobrando os 50 centávos (500 réis) correspondentes à assinatura anual do jornal por eles fundado.

Em 1878, com 15 anos, deixando Campinas, vai para a "Tribuna Liberal", em Santos, como tipógrafo. A "Tribuna" por esse tempo, era uma verdadeira forja de idéias das mais variadas. Era como o próprio nome, um jornal liberal, e, graças a isso, Oliveira Rocha, vê e aprende.

Em 1881, já com 18 anos e profundos conhecimentos jornalísticos, transfere-se para S. Paulo, passando a trabalhar de paginador do jornal "A Evolução", onde colaboravam Assis Brasil, Júlio Castilho, Pereira da Costa e muitos outros. Neste jornal ele fez de tudo. Foi tipógrafo, paginador, revisor, noticiário, reporter e depois redator.

Tudo isto, porém, não bastava. Sua vontade ia muito além, e, em agosto de 1887, segue para o Rio, passando a trabalhar para a "Gazeta de Notícias".

Casado, com prole numerosa, teve que procurar outros "bicos" daí, aprender taquigrafia em 4 meses. Até 1889 foi reporter da "Gazeta de Notícias". Com o golpe de novembro de 89, as sessões da Constituinte eram movimentadíssimas. Oliveira Rocha, habilíssimo taquígrafo, não perdia uma só palavra, e assim, horas após cada sessão, a "Gazeta" noticiava o sucedido. Ia, pois, o Rochinha, primeiramente com sinais e depois com palavras, escrevendo a História do Brasil.

Ele podia parar aí. Porém, não quis. O jornalismo nasceu consigo. O seu sonho, ainda era aquele mesmo da infância, quando ao lado de Júlio de Mesquita, cobrava do seu jornal.

Finalmente, em 1894, ele funda "A Notícia", jornal moderno, diferente para a época, pois era todo impresso em papel côr de rosa. Os artigos eram de autoria de vultos de nossas letras, destacando-se Machado de Assis, Olavo Bilac, José do Patrocínio, Medeiros de Albuquerque e os seus próprios que eram redigidos em tom suave, mas que tocavam fundo na alma do leitor.

Era fino, e amável, incapaz de ofender a quem quer que fosse.

A.M.G.